

Redacção, Administração e Propriedade CASA DO GAIATO-PAÇO DE SOUSA - Telef. 5 CETE	Director e Editor PADRE AMÉRICO
Composto e Impresso na TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO-PAÇO DE SOUSA	Vales de Correio para PAÇO DE SOUSA



Visado pelo
Comissido de Censura

O Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO X N.º 255 PREÇO 1\$00



POSTAL DOS AÇORES

PONTA DELGADA, 6

Meus caros Rapazes:

Sei que quando aí chegar, ides crivar-me de perguntas sobre o que vi e ouvi nestas ilhas perdidas no meio do Oceano. Resolvi por isso antecipar-me e satisfazer desde já a vossa legítima e natural curiosidade para depois não ter tanto que contar.

Aí vai pois um grande postal com notícias do tamanho e número das ilhas deste arquipélago.

Há muito que nós, no altar, pedimos o auxílio do Alto, para o nosso exército do ar. Talvez por

gratidão e também por amor aos nossos irmãos Pobres foi-me cedido um lugar no avião militar que me trouxe à Ilha Terceira. Levantámos da Portela às três da tarde. O nosso Pai Américo, cansado de esperar, tinha partido pouco antes para Paço de Sousa.

Momentos depois de descolar, o avião sobrevoava o nosso Tojal. Não fossem tão pequeninos o Zeca e o Quim e tê-los ia visto a brincar no átrio da nossa casa. Os outros estavam todos nas suas obrigações. Vi o aqueduto, o casal agrícola, as laranjeiras; deixamos, — Unhos, Sacavém, Lisboa, a Costa do Sol e entramos em pleno Oceano. Depois... céu e mar, numa corrida vertiginosa, por sobre as nuvens, atrás do sol que seguia também para ocidente.

Fechei os olhos e meditei. A quatro mil metros de altura sentimo-nos mais perto de Deus, Criador dos céus e dos mares. Nuvens tênues e vaporosas desprendiam-se, aos farrapitos, das mansas ondas azuis. Jamais aquelas moléculas de água, anónimas e perdidas a mil milhas do continente, beijarão as areias das nossas praias; contudo, quem sabe se a nuvenzinha que agora se gerou, não irá desdentar o punhado de trigo que neste momento estais a semear no chão lavrado da nossa quinta? E lembro-me também daquela mão anónima que meteu no marco postal, uma carta recheada de palavras carinhosas e migalhas generosas que irão amanhã cair na nossa mesa. Por caminhos diferentes o Pai Celeste faz com que nós tenhamos segurado o pão nosso de cada dia. Como Ele é previdente, sábio e bom!

As horas passam-se, o avião desliza vertiginoso; mas parece que estamos parados no azul celeste! Uma réstia de sol avermelhado, que entra pela proa da aeronave, vai projectar-se num dólman engalnado, suspenso num cabide, ao fundo da carlinga.

O raiosinho ilumina, em primeiro lugar, a orla da indumentária, depois vai subindo lentamente. Faz rebrilhar uns após outros os botões dourados; queda-se durante algum tempo no peito constelado de condecorações, sobe à gola e desaparece. Fez-se noite escura. O sol correu mais ligeiro que nós.

As oito da noite furamos as nuvens de cima para baixo e surgiu aos nossos olhos um mar de luzes de todas as cores. Era a base aérea das Lages. Cada qual pergunta a si mesmo se está na América ou em Portugal. Luz a jorros, dezenas e dezenas de aviões gigantescos, carros de todos os tamanhos e feitios, motores a roncar ensurdecedoramente! Nem Granja, nem Ota, nem Portela são nada ao lado das Lages. A bandeira nacional no mastro do

(Continua na terceira página)

Por este nome, designo e significa qualquer zona do Porto, aonde o Pobre vive e eu sou chamado. Visitador. Recoveiro. Procurador. Tudo nomes que convêm à missão. Numa encruzilhada de quatro ruas, certifico-me de qual e começo a subir em procura do número. Por sagreme vou em passos muito lentos. São os anos! O povo estranha e faz sinais e perguntam uns aos outros. Do lado esquerdo, quem sobra, é um mundo de tabernas, tendo todas à porta a mulher que se vende. Noto que se retiram um nadinha para dentro, à maneira que vão seguindo. Ao que vi, em cada loja existe um rádio *Liest* tocava uma das suas formosas rapsodias. Como as portas eram muitas e em cada uma seu aparelho e todos eles tinham o mesmo disco, segue-se que eu ouvia todas as notas. Eram quatro horas da tarde. Rua muito suja. Muitas crianças. Cães. Gatos comiam sobras nas soleiras das portas, *Liest* tocava! Eu ia subindo lentamente. Tenho ouvido muitas vezes em salões de seá e cristal aquela mesma rapsódia. Aquele é o seu ambiente e parece que somente ali é ocasião de apreciar.

Mas não. O Belo é indestrutível. Nada que o diminua. Não carece de ambiente. Ali como acolá, era o talento do mestre!

Tinha subido a encosta e agora dou em plano. O número da porta é par. Vou olhando e correndo. Encontrei. Subo uma data de degraus de pedra e vou ter a um pátio. Era uma pequena ilha. Muitas galinhas dentro de uma gaiola. Mulheres lavam roupa em pias de cimento. Todas, mal me vêm, desconfiam aonde eu vou e dirigem-se para a porta. Entro. É um cubículo mal arranjado. Num berço, uma criança. As pernas são fusos! A carta que me chamava dizia:

«Sou casado, com um filho de um ano, já contagiado, mulher idem sem dinheiro para nos alimentarmos, apenas 100\$00 me paga o patrão onde trabalhava, que é o aluguer da casa. Toda esta infeliz desgraça que me surgiu de tão novo.»

Achei que tudo é verdade. Todos doentes. Não há quem apareça, quem conforte, quem ajude; porissotanto desalinho! Sobre uma mesa há um prato com restos de comida, que as vizinhas ali depositaram. Notei duas velas de cera suspensas na parede nua com o morrão por acender.

Mais nada que dê indícios de culto ou religião. Não falei de Deus. Naquele sítio e circunstâncias, não podia ser de maneira nenhuma compreendido. Quando trabalhar mais por aqueles doentes e subir mais vezes os degraus de pedra. Quando me afligir e me doer mais por eles, então sim. Será a ocasião.

Mais e melhor O moço de vinte e três anos quer viver. Com lágrimas e soluços, pede-me que o mande para um sanatório. *Que meteu os papeis em Março. Que agora o chamaram e depois de me terem visto por dentro dizem me que só para Janeiro.* Eu estou encostado às grades da cama a escutar aquela acusação. Não disse nada. Compreendi tudo assim como tu também... Fazemos aqui um acto de humildade, a começar pelos mais poderosos e mais influentes.

Às vezes penso para comigo se não será ainda a hora de tentarmos um paralelo à formosíssima campanha contra o analfabetismo que está dando tanta glória aos que a realizam, tanto proveito aos que a beneficiam, tanto crédito à nossa Pátria. Muitas vezes penso e medito. Se analfabetos, porque não tuberculoso?

Dou a minha despedida e prometo regressar. Abro uma gaveta de uma cómoda e entre farrapos escondo o que a mulher ao depois encontrará. Aquilo é nada, mas é preciso. É uma esperança. É o desejo de um doce regresso. Alivia dores. Doravante, ele sabe que não está só.

Saio para o pátio e quando me proponho descer, vejo na rua uma multidão. Pergunto aos presentes se não há qualquer outra saída. Não senhor. Não há. É aquela e mais nada. Fico naturalmente aborrecido e sento-me num caixote. Uma mulher, com pena de mim, despacha-se e foi chamar um polícia para dispersar. Só então resolvi descer as escadas e tomar a rua. Enquanto me afasto e vejo ao longe magotes nas janelas e portais, vou perguntando a mim mesmo, aonde está o mal e para quê tanta curiosidade! Não será ainda o tempo de ser banal a passagem e o interesse de outros visitantes naquelas regiões e no meio daquela gente? Não será? Se não agora, quando?

PROPAGAI

«O Gaiato»

Angariando novos assinantes

CAMPANHA DE ASSINATURAS

Continua. Nota-se que as listas são mais o produto da devoção de alguns do que a espontaneidade de todos. Esse vai e pede e insiste e prega e obtem. Foi o que se pôde arranjar. Por agora vão estes, mas fico a trabalhar. Estas e outras pinceladas, dão a cor mais-lo tom. Os rapazes da Expedição fazem dias de muito mais de oito horas. Anda mais leite. Anda mais bo-roa. Mais zelo.

Não admira. Quem conhecer as potências da alma, não estranha que O Gaiato seja alimento saboreado. O homem é um ser interior. É dentro de si que ele resolve os seus grandes problemas. É de dentro que ele chama por quem o possa ajudar. Ora o jornal ajuda. Sei que ajuda, por isso tão procurado.

O jornal defende. Ele é cego e surdo para as chamadas coisas grandes, e tem na ponta da língua as pequenas. Dá sinal. Ber-ra. Defende. Por isso não admira a sua expansão. Não admira que ele faça apaixonados. Que nos vejamos forçados a uma Rotativa. Não admira. Eu acredito nos méritos e na eficácia da Obra Redentora operada por Jesus.

PATRIMÓNIO DOS POBRES



Riviera? Não. Costa do Sol? Também não. Ojir? Não senhor. Então quê? São elas. São os Pobres a enriquecer Portugal!
(Lugar das Alminhas de Galegos, entregues há duas semanas.)

Ontem foi em Melres a distribuição de moradias Vicentinas, na presença de muitos destes, povo e seu pároco. Ficam numa encosta entre pinheiros, muros de suporte à volta e um nadinha abaixo, a mui desejada estrada marginal, que apenas aberta ao trânsito, muitos hão-de ali parar e ver.

A chave da porta era entregue ao principal da família. Este abria. Entrava com os seus e a seguir convidava. Não era sem confusão, sem grande confusão, que eles davam estas voltas, mas a caridade do seu pároco tudo conciliava.

Não posso deixar em branco a interessantíssima modalidade do *Património dos Pobres* nesta freguesia. Um hospital. Um pequenino hospital vicentino! Não falta ali nada do que lhe é dado. A família contígua, olha pelo doente ou doentes. Ficou lá um em cama irrepreensível, na casa dos 80. Tem ali tudo para viver e morrer. Tudo deliciosamente pobre, como convém. O pároco, no final, fez-se rodear dos seus inúmeros vicentinos, aos quais encarece a devoção de prover as necessidades do irmão doente. Quarenta anos de parquialidade, fizeram dele um pastor. As suas ovelhas conhecem-no pela voz e ele, cada uma delas, pelo nome.

Dir-se ia redundância um hospital na aldeia, por causa dos imensos nas vilas e cidades. Eu cá não leio assim. E não sou somente eu. Temos aqui uma carta do pároco da Marinha Grande: *estamos vivendo um sonho. Os nossos vicentinos estão empenhados em levantar «A Casa do Doente».* Ele sonha. Deus faz. A obra aparece. Aquilo que se pode remediar em casa, porque havemos de ir buscar fora?

Aqui bem perto de nós, há uma freguesia pequenina cheia de coisas grandes. Além de uma cantina proficiente, há também *O Lar dos Velhinhos*, ontem inaugurado, quase em silêncio. Fica numa encosta e vê-se de muito longe. Estive lá dias após. É uma sala comum e cozinha da mesma sorte. Quartos particulares. Aído. Cada um vive de per si. Na maré em que ali fui, dois tinham ido à fei-

ra. Acho isto simplesmente belo. Não há o peso. Não há o rigor. Não se tira nada nem se pede nada ao que se foi buscar à cortelha. Um grupo de pessoas dá volta pelo povo e arranja os precisos para o caldo. Eis aqui uma freguesia que se basta. Espelho doutras que queiram. A alma é um sacerdote parquiano que ali nasceu, ali vive e ali quer morrer. Rans.

O pároco do Carvalhido, na cidade do Porto, tem os caboucos abertos e a pedra está a subir. Bragança também aqui está. Vieram os vicentinos dentro de uma carta. Depois de Mirandela, eles. Nós damos. Nós distribuimos. Colhemos por lá em grandes trabalhos e semeamos por cá em muita alegria.

No alto da Conchada, cidade de Coimbra, já vi quatro casas a subir. O pároco de Campo Maior diz-me que muitas famílias vivem em barracas menos confortáveis do que as palhotas dos pretos: o que representa uma vergonha. pois é a contradição da nossa fé; e os vicentinos daquela terra estão a trabalhar. Arraiolos, também. Anda fogo em Portugal! Os incendiários são de todos os tempos! Estiveram aqui os dois párocos da cidade de Santarém. Já começaram a trabalhar. Ofereceram-lhes terreno. Materiais. Mão de obra. Dinheiro. Comeram do nosso caldo e como quisessem ver, fomos todos dar uma volta por aqui perto, tendo eles parado aqui e além e contado 38 casas à beira de estradas. Na hora da despedida o mais novo deles abre conversa e diz; *vai a gente a esses congressos de papel e tinta, ouvir oradores e mais nada.* E com isto se despediram os dois párocos da cidade de Santarém. Anda fogo em Portugal!

Segundo vejo, na cidade de Castelo Branco são labaredas. As cartas chovem. A última era a pedir a minha presença. O mesmo me pediram de Viseu e da Marinha Grande. Mas eu não vou. Eu não posso ir. Vai este jornal que vale o mesmo.

Ontem foi o dia das buscas; ao meio da tarde uns, à boca da noite outros e todos por amor de casas para os pobres. No primei-

ro caso, era o pároco e dois paroquianos. Subiram. Sentaram-se no escritório. O paroquiano oferece mil metros. Declara que não é de igrejas, nem mesmo à sua costuma ir, mas ateima com o seu pároco e insiste que esta obra de casas para pobres tem de ser um cuidado da Igreja. *Ele está ali que me não deixa mentir.* E o visitante apontava com o indicador a figura do seu pároco. Saído dali, acompanhei os três àquele grupo de casas do Património, que mais perto fica da nossa. Eles tomaram alturas e foram-se embora.

O segundo caso, era um senhor que já antes aqui estivera, tendo, então, prometido uma casa. Hoje trazia-me a notícia de que, em lugar de uma, estava disposto e tinha meios para oferecer duas. Como então, agora torna-me a dizer que não é religioso, nunca entrou numa igreja, mas é amigo do seu pároco e muito mais desde que soube por ele mesmo que tencionava começar a construir casas para pobres na freguesia. Como se trata de um senhor do Porto, tomei o por um paroquiano do Carvalhido, pois que ali se andam a erguer casas, mercê do pároco. Ainda hoje lá estive. Estão quatro delas a subir. Tomei, mas não. Ele é de Paranhos. Paranhos vai ter casas para os seus pobres. Ora o visitante, e aqui se marca a sua probidade, pede-me se eu consinto que ele entregue as duas casas ao seu pároco. E a seguir declara que tem dificuldade em compreender como esta obra das casas não está ainda em cada uma das freguesias de Portugal.

Estamos em frente de dois homens que se declaram sem religião e ambos são eminentemente religiosos. Dois homens que declaram nunca ter ou raramente terem entrado em igrejas, e ambos possuem a verdadeira noção da Igreja. Tanto que declaram aos seus párocos que esta obra deve ser deles e experimentam dificuldade em compreender que assim não tenha ainda acontecido. Isto é admirável. Simplesmente admirável! Dois homens de acção. Um nadinha de instrução e tínhamos aqui dois homens da Acção Católica. Isto mostra e prova quanto não vale a acção dos leigos no apostolado! Persentem. Eles querem o seu apoio. O seu nome, a sua coesão. Amam tanto a causa do Pobre, que a mais ninguém a desejam confiar! Eles têm medo de todas as instituições criadas. Querem uma eterna. *Isto tem de ser uma obra da Igreja.* Homens que podem dar mil metros de terreno, podem dar dezenas de contos. Homens sérios e honestos. Eles têm a intuição. Não são os mártires, nem os apóstolos, nem os missionários, nem os doutores. Tudo isto são figuras. Eles querem o real. Vão até ao Fundador. *Quando me levantar na Cruz, arrastarei todos.* E é verdade! Todos! Mesmo o que diz que não. *Eu não sou religioso.*

ECOS DO ATLÂNTICO

Isto é já o segundo ano. Vamos de vela enfunada: creio que com rumo certo.

Agora sim, que eu já tenho remadores. Até aqui fui o mestre de escola. Subia ao Altar, servia na mesa, na cozinha e na terra.

Dei lições de esfregar soalhos, suprei no fogão, passei a upa a ferro e feri os dedos para pregar botões. Agora sim. São já trinta e seis garotos e cada um com obrigação marcada. Todos os dias após os a manhãs domésticos, funciona a escola aqui ao lado. São seis horas de luz, três para cada grupo. Duas de intervalo e uma bola a animar, depois a terra e os seus segredos. Nós já estamos a comer do Pão que semeamos. Falta-nos ainda a padaria e a moagem; as oficinas e o campo de jogos, mas anima-nos o desejo de resolver tudo dentro de pouco.

A primeira casa do Património está em andamento. Lancei a ileia e o dinheiro operou logo.

A malta vai dos cinco aos catorze anos e por isso mesmo acirreta ainda pouco ou nenhuns trabalhos e preocupações. Um contentas pela quinta na hora das obrigações; preguiça, umas visitas à dispensa a namorar a coixa do açúcar e de fruta, mentiras e mais nada. Registraram-se já algumas fugas mas vem logo o regresso e a emenda: O P.º Adriano bem viu uma mãe de galocha em punho trazendo os filhos que fugiram ao cair da tarde, debaixo de chuva torrencial. Eles foram a tribunal, desculparam-se como quase todas as crianças e já vão de emendar-se.

A lista dos pedidos para admissão de garotos cresce enormemente. O Nateiro, o Corangeiro, o Curral e S. Roque são f. rmiqueiros de crianças abandonadas.

A preguiça, o alcool, o esterco e o crime, dão-se ali as mãos em conflagradora promiscuidade.

O P.º Adriano também viu o soalho nú onde toda a família dorme. O pai bêbedo as crianças raquíticas cheias de peixe e de moscas. Paredes e tectos esburacados; chove-lhes como na rua.

Vi uma criança de seis anos, tinha de pupilis apogadas dormindo sobre um feixe de palha envolta nas feses e mordida de insectos. Rupa a que Deus lhe deu. Mãe perdida. As piores lições. Come às três vezes um naco de pão duro, amolecido no caldo que a vizinha ao lado lhe oferece.

E ainda há muito gente, rica e remediada que não compreendeu.

Preferem oferecer imagens às Igrejas, comprar vasos, velas e ornamentos. Tantas imagens e tão poucos imitadores!

Eu vou dizendo sempre e tenho que a hora de Deus há-de soar para todos.

P.º Elias



No dia 16 de Novembro celebri por alma do Engenheiro Duarte Pacheco e detive-me no altar ao memento pro defunctis.



No dia 26 do mesmo, celebri por alma do senhor Doutor António Augusto Pires de Lima. E parece que não devia. Então Governador Civil do Porto, Ele fez-me vir de Coimbra por três vezes e só à quarta é que entregou o património de Paço de Sousa, hoje Casa do Gaiato. Era a consciência! Todos somos poucos para venerar homens de consciência delicada. O funeral o disse. A vila de Santo Tirso encheu-se. Mas eu queria mais.

SE DESEJA MANDAR CONFECCIONAR TRABALHOS GRAFICOS, CONSULTE A TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO PAÇO DE SOUSA

Do que nós necessitamos

Torno a dizer aqui que continuam mui pontuais todos quantos se ofereceram para ajudar a viúva dos oito filhos até ao próximo Abril. Que lhes preste mais a eles do que a ela. Esta mulher é admirável. É heróica. É a marca do nosso povo. Com este pequenino dinheiro, governado por suas mãos, além de dar de comer aos filhos, vai pagando pequenas dívidas do tempo do seu marido. Paga aos homens e paga aos santos. As suas promessas de igreja estão em dia: cera, azeite, flores. Que maravilha! Assim como em dia vão ficando as contas das lojas e de pequenos empréstimos. Ora eu quero que os senhores interessados na vida desta viúva tomem conhecimento e se alegrem. Mais 50 de Lisboa. Mais 60 idem. Mais mimos de Casal delo. Mais 20 de Aveiro. Mais 50 de Santarém. Mais outro tanto de Braga. Dois noivos dão 50 cada um mas numa só net, porque nós também fazemos um só. Eis aqui a essência do matrimónio cristão. Mais 100 de Lisboa. Mais 30 dem. Mais 30 do Marco de Canavezes. Mais 15 dólares de Nevarque. Mais 200 de uma promessa para ser aplicada a uma mulher que esteja para ser mãe. Calha bem. Numa volta que dei hoje às casas do Património e num aglomerado de seis delas duas mães gemiam o parto. Vamos dividir por elas aquela soma. De uma destas sei eu que entrou para a sua casa sem camisa, de tão pobre! Dias depois dei-lhe 50\$ e ela vai e compra uma cadeira em segunda mão por 5 escudos e uma caixa da mesma sorte por 20 e em vez de camisa comprou pano para lençóis porque também os não tinha! Agora com esta modesta quantia deve ela fornecer de mais pano para o recém nascido. É assim a vida dos pobres. Mais 50 Mais 500 da Marinha Grande. Mais 100 da Murtosa. Alguém deixou 1 500 escudos no nosso Lar do Porto. Mais 20 de Coimbra. Mais 100 da Beira, Missão da Manga.

Ontem, não entrei na casa das parturientes, por decro. Sobretudo a que eu sabia mais pobre, estava no momento crítico. Hoje, mais a senho-

O NOSSO FUTURO LIVRO

Paciência. Calma. Os senhores não se aflijam, que há de chegar um a cada um. Isto digo, por quanto começam a vir cartas com pedidos de Um Ovo. O Ovo de Colombo. E nós assim faremos a seu tempo. Primeiramente temos as fichas Os da primeira hora. Uma vez servidos, começamos com os mais. Isto é a boa ordem e todos hão-de ler.

Anda no prelo a penúltima folha. Depois entra a capa. Depois dobrar. Coser. Despachar. Tudo isto havemos de fazer. O Júlio tem a passar de vinte rapazes. Vinte rapazes são quarenta mãos. Quarenta mãos a oito horas por dia é muita coisa. Os senhores não tenham medo.

Que nós estamos assoberbados. Até do Ultramar! Júlio recebe pedidos de orçamento e encomendas da Província de Angola! Como isto anda! Para onde e até onde chegaremos? Nada mais apaixonante!

ra da cozinha e Avilino ao volante, fomos à Casa dos 14 Irmãos.

Senhora da cozinha entra. Eu fico para o fazer depois.

Qual não é o meu espanto quando a vejo abrir a porta. Era ela. A mãe de mais um pequenino. Ontem, na enxada, deu fé de mim, mas não nodia erguer-se. Hoje sim. Entrei. Na sala há uma cama nova, coberta com um lençol, o único da casa. A cama está para vista; ali não dorme ninguém. No quarto é a enxerga que trouxeram, aonde dormem pais e dois filhos e desde ontem, mais um. Não é roupa. São farrapos. O recém-nascido estava no meio deles. Isto é a casa dos catorze irmãos. A mãe descobre e toma nos braços o pequenino. Que pobreza! Só no Presépio! Mandei o Avelino ao Morris por um pacote de roupa. Abri o sobre a enxerga a ver o que vinha dentro. Aqui deixo a minha gratidão à senhora da roupa. Dois cobertores. Um chaile. Quatro lençóis. Uma dita de peças pequeninas e isto é que era a riqueza. A mãe conta a história do frio que sofreu ontem à noite e que o seu marido aqueceu uma pedra na cozinha e com esta se aqueceu. Como os Pobres resistem! Tanta cuidados de que esta mulher precisa. A que perigos não está exposta. Tem graça que, de véspera, tinha eu recebido uma carta de Lisboa de uma senhora há duas horas mãe, que se apressa a enviar-me um enxoval para eu distribuir por outras da mesma sorte. Esta foi uma delicia. Quam imensa a sua necessidade. Casa dos catorze irmãos, à beirinha da estrada. Quem serão estes catorze? Estarão todos? E os seus pais?

Postal dos Açores

Continuação da 1.ª Página

Comando, diz-nos que estamos em Portugal

Angra fica a vinte e tal quilómetros. Dirijo-me à vila da Praia que fica ali a dois passos. Logo pessoas amigas oferecem casa e jantar. Estamos em família. Até altas horas querem ouvir falar de vós, da Obra d'aquem e além mar. Volto no dia seguinte às Lages para marcar lugar no avião da «Sata». Oficiais amigos querem pôr-me em S. Miguel num avião militar. O Capelão oferece a sua casa. O táxi está pago. O telegrama em Angra está pago. O Sr. Bispo quer ver-me; os Superiores e alunos do Seminário querem ouvir-me e tenho de retardar a viagem. É «O Gaiato»; é a Obra da Rua; é o Evangelho! O Património!

Finalmente na quinta-feira, depois dum abraço ao nosso grande amigo Lobato, da Vacuum, louvando o Criador pela eterna beleza de S. Miguel, às duas horas aterramos em campo relvado onde sou esperado pelo nosso amigo P.º Elias André.

Efusivamente retransmiti todos os abraços de que os Padres da Rua, e muitos gaiatos grandes e pequenos me fizeram portador. Ele tinha deixado, em Setembro de há um ano, uma lâmpada acesa no coração de cada um.

Minutos depois chegava finalmente ao termo da minha viagem. Da cozinha, da escola, da quinta, do refeitório, dos coelhos, das galinhas e dos porcos, de toda a parte surge a onda de rapazes, de Ponta Delgada, numa alegre algazarra. Os batatas pedem um beijo!

As mesmas caras, os mesmos trabalhos, o mesmo espírito. Uma au-

PELAS CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA Aproxima-se a passos largos a maior festa que a Santa Igreja celebre, o Natal.

Neste dia não há ricos sem pobres. Nós sabemos que os nossos amigos vão repetir connosco, mas eu lembro que temos à nossa conta muitos e muitos pobres.

—Agradeço agora ao senhor de Leixões que enviou uma equipa de futebol, verde e branca para o Sporting Club da Tipografia e aos senhores que têm enviado coisas bonitas para o nosso doentinho, o Caetano, que ultimamente tem esado bem disposto. Para isso contribuíram os nossos fieis amigos, que sempre levantam o dedo à nossa chamada para dizer: Presente! Eu digo: Muito obrigado.

UMA CARTA

«Tenho «O Gaiato» na minha frente. Comprei-o à bocado no «eléctrico». Muitas vezes encontro os garotos a vendê-lo e quase nunca o compro. Indiferença? Não. Preguiça, talvez; e, na maior parte dos casos, a avareza de poupar dez tostões. . . que irei gastar na primeira coisa inútil, dizendo de mim para mim que dez tostões a mais ou a menos não fazem diferença! Por isso hoje lhe escrevo: é que quero uma assinatura do jornal.

Mas repare como estas coisas são. Não é apenas por um movimento do coração que desejo contribuir com a minha pobre quota-parte para a obra dos rapazes. Não, não é apenas pelo sentimento. — é por um dever nacional. E que eu sou professor e ando para aí todos os dias a ensinar a decorar frases e esqueço-me daquelles que deveriam ser meu exemplo, porque ensinam a Viver! Meu Amigo, perdõeme o ter sido durante tanto tempo um dos muitos indiferentes. Que os haja por esse mundo aos milhares, compreende-se, — porque a ignorância forma multidão no meio da rua! Mas que aqueles que têm obrigação de compreender e sentir o fundo significado pedagógico humano, cristão, de uma obra como a da Casa do Gaiato, — que esses se esqueçam, é o que me parece um crime de lesa-dignidade.

Desculpe ser tão pequena e tão tardia a ajuda mas é do coração e não posso dar mais.»

Os senhores leiam e tornem ao princípio. Quando a alma fala ou escreve, é assim. O Sim ou Não do Evangelho é isto.

Vejam como ela é redigida. A sua impecável pontuação. O relevo das coisas pequeninas. O formidável conceito do sério e do honesto. É um Professor. Ele põe minúscula; até nisto é Mestre!

tência Casa do Gaiato, no Atlântico

Tenho agora uns dias para me desempenhar da minha missão. Mas isso já não são contas do vosso rosário. Daqui envio também um beijo para todos os batatas e um abraço para cada um.

PADRE ADRIANO

—O nosso grupo cénico anda a treinar-se com afinco, para no Natal fazer um lindo e vistoso espectáculo! E temos também preparando um acto de variedades tiradas do jornal humorístico, «Os Ridículos», e para esse fim tivemos de comprar alguns.

—Já andam a pôr as telhas nas oficinas novas. Vão para lá todas as oficinas, excepto a nossa Tipografia que passa a dispor do antigo edifício. E é bem preciso. A nossa Tipografia está a desenvolver-se muitíssimo.

—Agora agradeço à senhora de Belas que me enviou um pacotezinho de selos e ao Sr. Agostinho R. com Peres, do Porto, que me enviou igual quantia de selos estrangeiros.

Muito tenho a agradecer também ao Senhor António da Silva Penna Peralta, o envio de jornais, pois também sou um grande coleccionador de jornais, desde os regionais aos diários de grande expansão; e a quantia de 20\$00 para a nossa conferência, mencionada na local respectiva: Notícias da Conferência da Nossa Aldeia.

Daniel Borges da Silva

TOJAL No dia 15 do mês passado, um grupo de rapazes aqui do Tojal, vieram cá jogar connosco, em que enpatamos por 4-4.

Já nos falta pouca coisa para o nosso campo de futebol, ficar pronto. Andam a marcá-lo com cal. Faltam dois barrotes para a parte de cima da baliza, vamos pedir a uma das fábricas de serração para nos oferecer dois barrotes com o comprimento de 7 metros e 40.

—Meus Senhores não sei como agradecer, todas as roupas que nos têm mandado. No Montepio estava lá uma catraça de enbrulhos e para aqui vêm vindo alguns pelo correio.

Vieram também do Porto, de Coimbra, de Lisboa, muitos pacotes de tabaco para o velho da Curraleira. O Sr. P. Adriano que não pode escrever agora pediu-me para eu dizer aos nossos leitores que não mandem mais tabaco que o velho já tem para o resto da vida dele.

O *Corre-Mundo* anda há muito tempo a pedir-me para eu o deixar escrever nas notícias do Tojal. Hje calhou e aqui vai o que ele quer dizer a toda a gente de Lisboa. É ele que orienta a venda do jornal e por isso fica triste quando as coisas lhe não correm bem.

Venda do Jornal em Lisboa—Amigos leitores, sim, amigos, e muito amigos. Sabemos que há Deus e Deus disse: o que fizerem aos pobres fazem a Mim mesmo. Nós os que vendemos o jornal *O Gaiato* somos do número desses pobres. O nosso jornal é muito pouco conhecido. Muitas pessoas não sabem o que é a Casa do Gaiato porque se soubessem dariam tudo por tudo para ajudar os rapazes que vão à venda. Nós passamos horas e horas esquecidas à porta duma Igreja apregoando o jornal e poucos o compram. Pois comprem o jornal para ajudarem a Obra da Rua e para se poder meter mais rapazes e para que esses rapazes que vêm lá de fora não sejam os ladrões das vossas casas.

Vós Senhores que comprais o Jornal «O Gaiato» mostrais que sois cristãos. Para ajudar o nosso Pai Américo e o Sr. P. Adriano Olhem que eles vão ao Baredo e à Curraleira dar esmolas aos necessitados; levar do que nos dão. Quem dá aos pobres, emp esta a D. us.

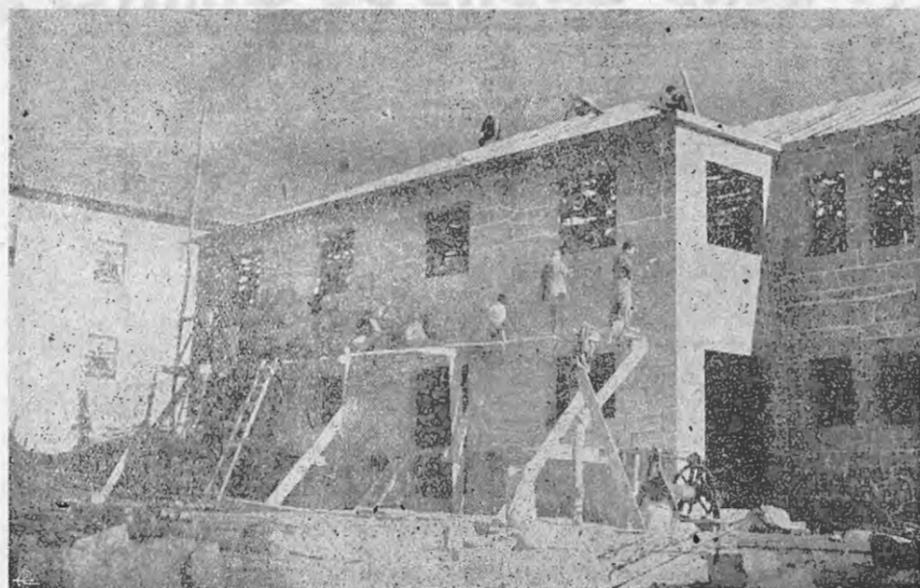
Joãoquim A. Gouveia Marques

NOTICIAS DA CONFERENCIA da Nossa Aldeia

«Achei essa quantia. O dono não apareceu, prometi entregá-la aos pobres se não aparecesse alguém a reclamá-la. Af vai. A Conferência tem um déficit de quatro mil escudos. Será para a Conferência da Aldeia» É de Castelo Branco, assinante 9919. A carta capeava 20\$00 e três em selos. Imediatamente temos Aveiro com 80\$00. E entretanto, um senhor de meia idade, abre a porta do escritório da Tipografia, entrega um envelope muito branquinho, manda abrir e dentro deparamos com uma nesga de papel que dizia: «Subscrição particular dos Vicentinos de Perosinho, para os pobres socorridos pela Conferência». Eram 50\$00. Se Vicentinos, ainda mais Vicentinos. Podiam cotizar-se só para a sua obra... Para a Conferência de S. Vicente de Paulo da Aldeia — 20\$00, rezava num bilhete de letra muito do nosso conhecimento. Uma assinante de Espinho e via 50\$00. Igual quantia da assinante 17.819. Agora 60\$00 de Lisboa. E outra vez 50\$00, mas do Porto. Ao Tomar entregaram na venda do Famoso 140\$00. J. B., também da Invicta 50\$00. E é tudo.

JULIO MENDES

ISTO É A CASA DO GAIATO



Em cima artes leves.

*** Recebo aqui com muita frequência cartas de aqui e de além a contar a história dum rapazola que bateu à porta, declarando a terra donde vem e que se dirige à Casa do Gaiato e pede uma ajuda para a passagem. Vê-se que não é o mesmo rapaz. São muitos por muitas bandas, mas a história é uma. E as pessoas que me escrevem pedem que na volta as informe se o dito cá chegou. Eu não respondo. Não chega cá ninguém. É uma comedela. Uma grande comedela.

Os senhores acautelem-se. Não abram a porta. Não acreditem.

Por muitas maneiras e títulos se formam histórias em volta da nossa Obra. Cautela.

*** A senhora do hospital já não tem aonde arrumar as coisas que têm chegado para o Caetano; de fantas!

Brinquedos. Desenhos. Histórias. Agasalhos. Gulodices. Lápis de cores; não acaba de arrumar. É do Norte. É do Sul. É do Centro. Dedicatórias maternas! E para mais piedade, todos os artigos vêm do uso dos filhos. Nada das lojas! O pequeno vai melhorando e parece que se salva. Olhos vivos, lábios rosados, pede de comer, dorme toda a noite. Alguém, por superficial, pode fugir com a ideia de que tudo isto vem da maneira de pedir. Do encastoar. Da cantilena. A ignorância afirma. Mas os que sabem, não. Estes vão à origem. Choram de alegria e não sabem quem mais amar; se o pequenino doente, se as Mães que se despojam. É que nós somos irmãos!

*** Mas ele há coisas mais altas na Casa do Gaiato. São os apelos. De manhã à noite aí chegam de longas terras os que de tudo precisam. Por cartas, ainda de mais longe. Ontem foi «melhor»; telegramas. Urgência. Doentes despedidos, sem ninguém que os receba. Grande reduto. Grande valor! Esperança dos sem esperança! Tem graça que, justamente na hora de receber a notícia, chega o carteiro. Muitas cartas. Uma delas era do Senhor que tencionava oferecer-nos uma quinta, com boas notícias. Muita esperança. Ora eu faço muito caso destas coincidências...!

*** Manel do Embrulho veio aqui ontem à noite dar-me uma notícia: Acabei hoje o meu contrato. Ouvi. Conte o tempo. Dava certo. Sim senhor. Tinha acabado o seu contrato. Dei-lhe um sabonete e renovamos por mais 30 dias.

*** Damos neste lugar a imagem do novo edifício das oficinas, que tem a superfície de 225^m2 em cada andar; no fundo, artes pesadas, em cima, leves. Tornou-se necessário, em virtude de o Júlio ter chamado a si todas as dependências do edifício primitivo, para implantação da robusta e crescente tipografia. Pede-me maquinismos. Pede-me espaço. Pede braços. E ele vai e pede trabalho!

Isto já significa muito, mas há um facto maior, para o que desejamos chamar as vistas dos nossos leitores. Nas duas imagens contamos dez carpinteiros na armação da casa e seis pedreiros a tomar as juntas. Ora tudo isto é prata da casa. É uma recuperação total. O trabalho deles para eles, esguicha alegria e transforma. O artista esforça-se por ganhar amanhã o seu pão. O seu mestre é um irmão mais velho.

Agora mesmo chego da obra, aonde vi o António tomar medidas, para em seguida ir procurar madeira de castanho para a caixa-lharia. O trajeamento foi dele. O mestre pedreiro, tem igualmente as suas atribuições. Escolhe os materiais. Mantém a disciplina. Faz artistas. Se amanhã houver de construir nova aldeia para rapazes da rua, são eles. Isto é digno de apreciação. Quem não acreditar nas palavras nem na imagem, venha ver com os olhos da cara.

Tudo isto foi possível com o tempo e pela muita paciência. Paciência construtiva e alcerçada nas promessas do Evangelho. Com esta força nos possuímos. Por ela, chegamos até o fim; — *possidebitis animas vestras*. Nem há no mundo realizações que façam chorar, aonde não entre aquela força prodigiosa. As tuas lágrimas são mesmo causadas por ela. O fruto da paciência não é somente para aquele ou aquela a quem Deus a dispensa. Não senhor. Ela chega a todos por isso, força prodigiosa. Em Deus tudo é prodígio.

*** Mas tribunais. São pombas. Foi-se embora o que tratava delas; era o Fernando Martins. E ora, por não haver um tratador certo, cada um procura tratar delas e é aqui uma grande desordem. Quem mais as queixa é o Formiga. Ele é o das capoeiras e os outros vão e roubam-lhe o milho das galinhas. Ele vai e queixa-se à senhora da cozinha. A senhora da cozinha vem e queixa-se a mim. Os do campo, fizeram mais. Esses até roubaram um pombal dos três que temos e levaram para a antiga cozinha do forno e chamavam para lá as pombas. Ora sendo elas modelo e espelho de mansidão, tornavam-se aqui em casa um objecto

de permanente discórdia. Eu já não podia mais. Foi então que resolvi ir às do cabo. Foram mandados Abel e Carlitos. Só eles podem mexer. Se algum for apanhado, sofre pela intromissão. Vamos a ver.

*** Mal terminou o tribunal acerca das pombas e seu novo regulamento, eis que Abel se vem queixar. É uma grande queixa. É da senhora da cozinha, que mandou patos e gansos para um aviário aonde ele tinha pombas. E os patos e os gansos sujaram aquilo tudo e ele agora quer botar de comer e não tem aonde. E o Abel, de zangado, fez uma cara muito feia e disse-me que não queria saber. Tudo isto aconteceu aqui no meu escritório, em uma hora de importantes assuntos. Mas eles não. Eles não se importam. Para o Abel e outros, não há nada mais importante do que seus problemas e suas queixas.

Ouvido o rapaz, vou ter com a senhora da cozinha, de quem também ouvi: que as capoeiras estão todas ocupadas com galinhas e frangos e gilos, cada um de sua raça e que não pode haver misturas e que os gansos e os patos não podem ali ficar mais. Ela que não. Abel que sim. É eu no meio.

Nós cá somos isto. Houvesse um ditador e tudo seria hirto. Assim, democratas que somos, em qualquer parte se arma um parlamento. Até nas capoeiras! Resultado? Chamou-se o António carpinteiro e este tomou medidas para novas instalações. Pronto.

*** Mandei hoje chamar o Quico e perguntaram-me se era este ou o Quiquito. Também temos o Macaco e o Macaquito. Temos o Batata Velha e o Batata Nova. O Gato e o Gatito. Também temos o Rabo de Sardinha e o Cabeça de Sardinha. Se alguém pergunta pelo Neca, logo o outro quer saber se é o Neca do sanatório ou se o Neca da casa-mãe ou se o Neca da tipografia. Temos agora só o Poixinho, mas já tivemos também o Pai. Nós cá somos assim. Somos a Embrulhada.

*** O Tomar há muito que anda atrás de mim para ir buscar um teu irmãozito que passa em casa maus tratos, infligidos por um outro que veio da Tutoria.

E pede e pede e pede. Ora eu disse-lhe para arranjar uma cunha. Ele responde que não. Que não é preciso. Que nós aqui estamos todos em casa. E disse e disse e disse. Mas eu não me calei. Insisti na cunha. Expliquei ao Tomar que a nossa vida aqui dentro tem de ser o espelho da que é lá fora para que, o rapaz, uma vez no mundo, saiba aonde está e como há de fazer. Chegado aqui torno a

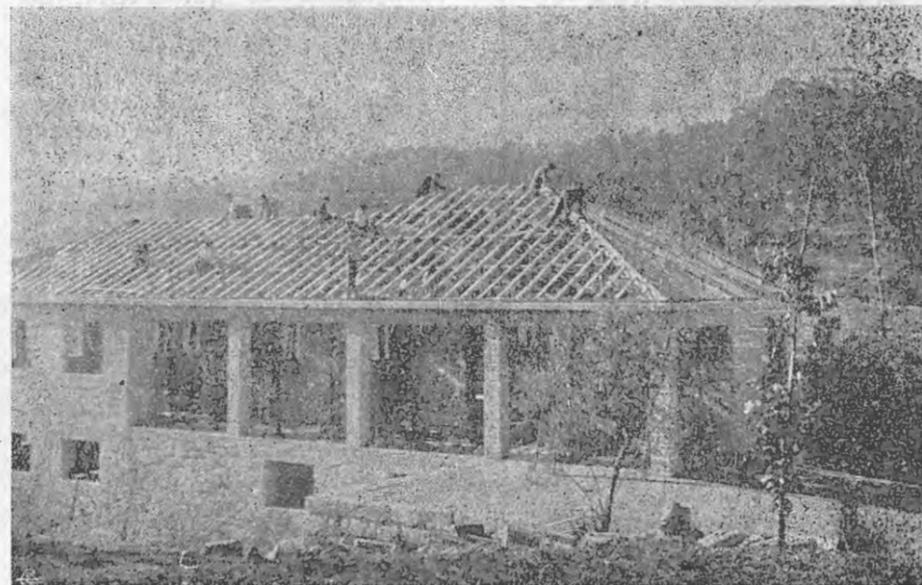
AGORA

Quem será ele ou ela? Quem vai receber o toque da graça e depositar na conta do *Património dos Pobres* o dinheiro da casa situada na freguesia de S. Martinho de Campo: vinte deles. Nós já aqui falamos dela. Fica num altinho, aonde as estradas bifurcam; uma diz para Póços de Ferreira, outra vai para o Marão e ambas muito concorridas. Quem será? Primeiramente a visita. É preciso tomar conhecimento do número de filhos, compleição dos pais, história e tudo quanto possa mover-te. Muitas vezes não é no acto. O coração do homem costuma ser lento. A gente ouve, ruma, incomoda-se e por último decide. Vai ver. Eu fico à espera. Nas procissões diz bem uma crãca ferozosa. É mesmo sítio de rezar. Aqui fica a minha prece.

A Beira torna aqui. Não confundir com a Alta nem a Baixa. Nada disso, É a Beira do Índico. A discutida. A cubçada. A pujante. Forma hoje aqui com um cheque de 12 contos na mão. A carta diz que isto representa um modesto produto de umas subscrições entre os empregados da Manica Trading. O Mário Pinho, que assina pela comissão, f i sem dívida a alma. Não me lembro de o ter visto quando por ali passei; e gostava. É uma pessoa que sente. É capaz de uma paixão. Deu muitas voltas. Levou muito tempo. Ouvi muita coisa. E por fim chegou aos doze. Deus o ajude! O Mário Pinho deseja para ela o nome de *Casa dos Empregados da Manica Trading* e nós vamos executar. Quanto a sítio gostaria do melhor, do mais alto, do mais concorrido. Se me deixassem era no Terreiro do Paço!

Ao pé destes vai a Albertina de Lourenço Marques com 200\$. O Porto vai com 50. Os empregados da Chenop vão com outra prestação de 277\$50. M fra leva 500\$. Lisboa são 200\$. Abrantes leva 50\$. Outro tanto de Lourenço Marques. Celorico de Basto enfileira com 100\$. Uma algarvia vai atrás com 1.000\$. Estou admirado. O Algarvel!

explicar e digo-lhe que, indo se ele embora e pretendendo alguma coisa, sem cunha não arranja. O rapaz ficou admirado. Retirou-se de ao pé de mim depois de me ter dito que ia pensar na cunha.



Em baixo artes pesadas